

Um momento importante na história das ciências humanas: a obra de Ferdinand de Saussure¹

Michel Arrivé²

Quando Michèle Clément solicitou-me de fazer uma conferência para a reunião de retorno da Escola Doutoral, mal hesitei: imediatamente lhe propus o assunto que foi anunciado a vocês: “Um momento importante na história das ciências humanas: a obra de Ferdinand de Saussure”. A primeira tarefa que se impõe em um tal caso é a de justificar a escolha que foi feita. Será, então, a essa tarefa de justificação que estará destinada a introdução de minha exposição.

Para começar, um fato atual nos permitirá situar o problema. Um número bastante recente do *Nouvel observateur*, o número duplo do fim do ano de 2011 e do começo do ano de 2012, publica uma entrevista com Antoine Compagnon, professor do Collège de France, sobre “1966, ano teórico”. 1996 é, com efeito, o ano em que se vê serem publicados quase simultaneamente diversos livros importantes que marcaram a história do estruturalismo. Eles contribuíram ao que chamamos de, muito justamente, “triunfo do estruturalismo”, sem saber, naquele momento, que esse “triunfo” seria, contudo, muito breve. Compagnon cita alguns desses grandes livros: os *Escritos*, de Jacques Lacan, *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, e a polêmica de Roland Barthes com Raymond Picard. Ele omite, entretanto, dois livros importantes: os *Problemas de linguística geral*, de Émile Benveniste, e a *Semântica estrutural* de Algirdas-Julien Greimas, que são publicados também em 1966 de maneira certamente menos espetacular que os precedentes. Mas esse esquecimento é interessante e significativo: ele marca a ocultação dos fundamentos linguísticos do estruturalismo, gesto muito frequente. Falarei disso novamente talvez mais tarde.

Nesse ponto da entrevista, o interlocutor de Compagnon, que permanece anônimo, interroga-o sobre a história do estruturalismo:

Seria o estruturalismo uma invenção dos anos 1960?

¹ O texto é uma conferência realizada por Michel Arrivé na Université de Lyon em 11 de janeiro de 2012.

² Professor de Linguística e Semiótica na Université de Paris X - Nanterre, sua produção teórica se deu em torno das propostas do linguista Ferdinand de Saussure e do psicanalista Jacques Lacan.

A esta pergunta, Compagnon dá a seguinte resposta:

Não. Desde os anos 1920, em seu ‘Curso de linguística geral’, o linguista suíço Ferdinand de Saussure exprime a ideia de que o que é importante na língua não é nem o léxico nem a filologia, mas a estrutura da qual nasce o sentido.

Este testemunho é duplamente interessante. De uma parte pela presença de Saussure, de outro pelos erros com os quais tal presença é assinalada. Compagnon compreendeu bem que uma história do estruturalismo, mesmo reduzida a duas páginas do *Nouvel obs.*, não pode economizar uma alusão a Saussure. Mas essa alusão é deformada por duas pesadas fraquezas. A primeira é um erro cronológico: em 1920, Saussure já estava morto havia 7 anos, portanto está impedido de exprimir qualquer ideia que seja. Seu *Curso de linguística geral* foi ministrado na Universidade de Genebra dez anos, bem contados, antes de 1920, precisamente de 1908 a 1911. As notas de seus ouvintes foram utilizadas por dois de seus colegas, Charles Bally e Albert Sechehaye, para publicar, desde 1916, a obra que porta o mesmo título. A segunda fraqueza das propostas de Compagnon é de caráter teórico: para continuar na litote, não é tão fácil encontrar em Saussure a origem exata das ideias que são emprestadas, de maneira muito imprudente, a seu muito imediato comentador. Insistirei pouco, contento-me em destacar que o termo *estrutura* é quase totalmente ausente do *Curso de linguística geral*. Ele não figura no índice. A palavra utilizada por Saussure para estabelecer os fenômenos sobre os quais Compagnon parece pensar é o termo *sistema*, que, ao contrário de *estrutura*, é usada no *Curso* muito frequentemente.

Vocês entenderam: eu não fiz alusão àquela entrevista com vãs intenções de polêmica. Se eu a citei, é porque ela é reveladora do estatuto da reflexão de Saussure nas ciências humanas atualmente. Reconhece-se a influência dessa reflexão, sabe-se o papel que ela interpretou na constituição disso que se chamou de estruturalismo. Mas pouco se conhecem os detalhes dessa reflexão. Tanto é assim que até mesmo um reconhecido e prestigiado especialista em história das ideias se engana por uns bons dez anos quanto à datação de sua obra principal e se permite resumir o conteúdo de suas reflexões de forma um tanto irreverente e, consequentemente, imprecisa.

É preciso reconhecer, para crédito de Compagnon e de muitos outros, sem no entanto desculpá-los, que certas especificidades da obra de Saussure explicam as aproximações desse tipo. Assim, pude dizer há alguns anos, sem ter sido contradito por ninguém, que Saussure não publicou o que ele escreveu e não escreveu de fato o que foi publicado sob seu nome: no caminho, farei algumas explicações para esclarecer essa situação paradoxal. É preciso reconhecer que ela complica a observação exata do escopo de sua reflexão.

Enfim, encontramos aí a razão principal da escolha que fiz de Saussure: trata-se de

tentar trazer sua atenção para a importância de uma reflexão que é, geralmente, e isso é um paradoxo, ao mesmo tempo reconhecida e desconhecida.

Mas não creiam que Saussure seja um desconhecido. Ele é, ao contrário, o mais famoso dos linguistas, mesmo que ele seja, hoje em dia, sem dúvida um pouco menos citado que um outro linguista, cujo nome vocês podem adivinhar: Noam Chomsky. Mas Saussure continua a instigar consideravelmente pelo número de trabalhos que lhe são dedicados: muitos livros, hoje sem dúvida perto de uma centena, em ao menos uma meia dúzia de línguas diferentes, não apenas europeias. Publicam-se livros sobre Saussure em japonês e em coreano. Não há ano que passe sem que apareça ao menos um novo livro. Os dois últimos, que eu saiba, são a obra coletiva *Saussure filosofo del linguaggio*, publicado em italiano em Catânia em abril de 2011, e o livro de Frederico Bravo, *Anagrammes. Sur une hypothèse de Ferdinand de Saussure*, publicado pela Lambert-Lucas em agosto de 2011. Vou explicitar um pouco mais adiante o que são os anagramas no sentido saussuriano. Desde janeiro de 2012, aguardamos a publicação do segundo volume da obra biográfica, em francês, de Claudia Mejia Quijano, universitária colombiana, que leva o título *Le cours d'une vie. Portrait diachronique de Ferdinand de Saussure*. O primeiro volume, um livro espesso de 392 páginas, foi publicado em 2008. Esta não é a única biografia de Saussure corrente: um professor escocês, John E. Joseph, faz aguardar para a primavera de 2012 uma outra biografia, desta vez em inglês, de Saussure, mais sobriamente intitulada *Saussure*. Destaco de passagem que esse interesse pela biografia de um linguista é coisa muito rara. De minha parte, não conheço livros atualmente publicados que sejam dedicados à biografia de um outro linguista senão Saussure. A curiosidade que se coloca sobre a biografia de Saussure tem alguma coisa análoga àquela que se coloca sobre a biografia de um escritor. É que a vida e a obra de Saussure comportam aspectos, tentei fazê-los aparecer, que são raramente presentes nos linguistas. Eles fazem pensar, com respeito à escritura, pela atitude de Saussure em particular, sobretudo naquela de um escritor.

Mais algumas palavras sobre a fama de Saussure. Anos não passam sem que se tenha ao menos um colóquio que lhe seja dedicado. Vou poupá-los de enumerações maçantes. O ano de 2013, que marcará o centenário de sua morte, e o ano de 2016, centenário da publicação do *Curso de linguística geral*, certamente cada um fará eclodir diversos colóquios. Os artigos relativos a Saussure contam-se, hoje, aos milhares, em inúmeras línguas. Particularmente, escrevi, creio, uns trinta artigos sobre o trabalho de Saussure. Reuni, aumentei e atualizei os mais importantes dentre eles, coordenei o conjunto que eles constituem em uma obra com título proustiano, *À la recherche de Ferdinand de Saussure*, que publiquei em 2007. Dirigi uma outra obra, nesse caso, coletiva, com título igualmente proustiano, *Du côté de chez Saussure*, que foi publicada em 2009.

Mas as obras relativas a Saussure não são as únicas a aparecer: perto de cem anos após seu falecimento, o próprio Saussure, graças aos cuidados de alguns de seus alunos indiretos, continua a publicar. Assim, em 2011, René Amacker publicou, sob o título *Science du langage, De la double essence du langage*, uma obra de Saussure que continuava inédita até 2002, data na qual foi dado lugar a uma primeira edição, que contém o título de *Écrits de linguistique générale* [*Escritos de linguística geral*], infelizmente muito defeituosa. De maneira geral, constitui-se com o passar dos anos uma espécie de pequena competição de especialistas internacionais, essencialmente italianos, suíços, alemães e franceses, em torno da edição dos textos inéditos de Saussure, que trabalha com a edição de todos os documentos ainda desconhecidos.

E termino dizendo que Saussure se distingue novamente dentre os linguistas, de quaisquer épocas, pelo fato de que uma revista lhe foi consagrada, a ele e à Escola de Genebra. Trata-se dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, publicados desde 1941 pelo Cercle Ferdinand de Saussure.

Creio ter-lhes dado as razões externas, em suma, que justificam a escolha do assunto de minha conferência. Resta agora indicar-lhes o plano que vou seguir. Em um primeiro momento, proponho-lhes uma exposição biobibliográfica da vida e, sobretudo, da obra de Saussure. Em um segundo momento, tentarei destrinchar os traços essenciais de sua reflexão sobre a linguagem tal como ela se manifesta no *CLG*, aquela de suas obras que exerceu o efeito mais importante, de longe, sobre a evolução da linguística e das outras ciências humanas. Por fim, o último momento de minha intervenção buscará justamente indicar alguns dos setores das ciências humanas que foram afetados pelas reflexões de Saussure.



Ferdinand Mongin de Saussure nasceu em Genebra em 26 de novembro de 1857. Como seu nome indica, sua família é de origem longinquamente lorena, vinda de uma das pequenas cidades da região que levam o nome de Saulxures. Ela fazia parte das muito numerosas famílias de pequena nobreza protestante que escolheram emigrar antes mesmo da revogação do Édito de Nantes.

Em Genebra, onde ela se instalou, a família de Saussure se torna rapidamente próspera e reconhecida. Cada geração faz aparecer ao menos um estudioso ou escritor de renome. O mais famoso ainda hoje é o bisavô de Ferdinand, Horace-Bénédict de Saussure, que foi o primeiro a fazer, em 1787, uma escalada para fins científicos no Mont Blanc. Mas ele não é o único Saussure a atingir a fama. O pai de Saussure, Henri, foi um entomologista de renome; seu tio, Théodore, autor de uma excelente obra sobre seu compatriota, Jean-Jacques Rousseau, escreveu,

ainda, em 1885, um folheto admirável de *Études sur la langue française. De l'orthographe des noms propres et des noms empruntés* [Estudos sobre a língua francesa. Da ortografia dos nomes próprios e dos nomes emprestados]. E a família continua a se destacar: um dos filhos de Ferdinand, Raymond de Saussure, tornar-se-á, após uma análise com Freud – a quem ele fez conhecer ao menos a existência do *Curso de linguística geral* – um dos primeiros analistas da Suíça romanda. E um dos sobrinhos-netos de Ferdinand, Louis de Saussure, seguiu os passos de seu tio-avô tornando-se linguista. De maneira que, hoje, na Suíça, pergunta-se às vezes quem é o grande Saussure: Horace-Bénédict, Ferdinand ou Raymond? Foi, em todo caso, a efígie de Horace-Bénédict que figurou por muito tempo, e que talvez ainda figure, sobre a nota de 20 francos suíços.

O jovem Ferdinand estuda precoce e brilhantemente, aprendendo, sobretudo, o latim, o grego e o alemão. Entretanto, ele parece guardar de certos episódios de sua infância e de sua adolescência uma lembrança amarga. Assim, em 1872, aos 14 anos, ele redige um *Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines* [Ensaio para reduzir as palavras do grego, do latim e do alemão a um pequeno número de raízes], que ele submete a um amigo da família, Adolphe Pictet, indo-europeísta bem informado dos trabalhos da época. Apesar do rigor, incontestável, da análise do jovem rapaz, Pictet é bastante crítico, e o jovem rapaz se declara “muito desgostoso de seu ensaio perdido”. No mesmo ano, ele faz a descoberta do que se chama de “nasalis sonans”, isto é, a transformação da consoante *n* em vogal, fenômeno que esclarece a morfologia do verbo grego. E ele ficará extremamente desapontado ao constatar, quatro anos mais tarde, em 1876, que tal descoberta acaba de ser revelada por um artigo do ilustre professor alemão Karl Brugman. Dessa forma, aquela descoberta que ele acreditava ser sua e que ele considerava como tão óbvia que ela não precisava ser publicada passou aos créditos de outra pessoa, sem que ele pudesse protestar! Ele conservará por toda a sua vida uma lembrança dolorosa desse evento.

Durante os anos escolares de 1873 a 1875, ele se inicia em sânscrito lendo os trabalhos de Franz Bopp, iniciador dos estudos indo-europeus ou, como se dizia à época nos trabalhos publicados em alemão, indo-germânicos. Mas, entre 1875 e 1876, “ele perde gratuitamente mais um ano cursando química e física na universidade de Genebra”.

Em outubro de 1876, ele parte, na companhia de seu pai, para Leipzig, lugar por excelência da linguística indo-germânica praticada pelos *Junggrammatiker*, diga-se, os “jovens gramáticos”. Ele não frequenta todos os cursos dos *Junggrammatiker*, porque está ocupado o tempo todo com a redação de uma obra que ele trará à luz em 1878, com apenas 21 anos: é o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* [Memória sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias]. É muito difícil resumir esse

livro espesso cuja leitura exige que se conheça não somente a gramática de muitas línguas indo-europeias antigas ou ao menos o latim, o grego e o sânscrito, mas também o estatuto dos conhecimentos e dos métodos da época em matéria de linguística indo-europeia. Eu os poupo desses elementos. E contento-me com o essencial: como o título de sua obra indica, Saussure faz intervir a noção de *sistema*, aquela mesma que nós entrevimos mais acima com o resumo desajeitado de Compagnon, para descrever o estatuto e o funcionamento das vogais no estado antigo das línguas indo-europeias. É a hipótese desse *sistema* que o permite identificar nesse estado antigo a existência de dois “coeficientes” sobre a natureza fonética acerca dos quais ele não se põe a interrogar. À época da publicação do *Mémoire*, não se dispunha dos meios necessários para verificar historicamente a existência desses dois coeficientes. Mais tarde, bem mais tarde, precisamente em 1927, os trabalhos do linguista polonês Jerzy Kurylowicz sobre o hitita, língua indo-europeia praticada na Anatólia no 2º milênio antes de Jesus Cristo, descoberta e decifrada a partir de 1915, permitirão encontrar, sob a forma de fonemas efetivamente pronunciados, o vestígio dos “coeficientes” identificados 50 anos mais cedo por Saussure como consequência de um raciocínio fundado sobre o conceito de “sistema de vogais”. Por vezes comparou-se essa descoberta àquela que tomou lugar na astronomia para o planeta Netuno: a existência desse planeta, invisível a olho nu, primeiro foi estabelecida pelos cálculos de dois astrônomos, o inglês John Adams, em 1843, e o francês Urbain Le Verrier, em 1846, antes de ser efetivamente observado, alguns meses mais tarde, pelo astrônomo alemão Johann Gottfried Galle.

O trabalho de Saussure é muito mal recebido pelos *Junggrammatiker*, que criticam a “necessidade de sistema” manifestada por Saussure. Ele guardará rancor disso por toda a sua vida. No entanto, ele fica na Alemanha, alternativamente em Leipzig e em Berlim. E em 1880, ele defende sua tese de doutorado em filosofia (designação da época para o conjunto do que se chama hoje de ciências humanas) sobre *L'emploi du génitif absolu en sanskrit* [*O emprego do genitivo absoluto em sânscrito*]. Esta obra, publicada no ano seguinte, em 1881, é muito mais breve e muito mais limitada, como o título indica, que o *Mémoire*. É uma análise extremamente precisa das relações que se instituem entre a estrutura sintática dita “genitivo absoluto” e as relações semânticas que essa estrutura se encontra apta a exprimir.

Duas obras em três anos da parte de um autor que, em 1881, ainda não tem 24 anos, é muito. E é muito raro em uma disciplina tão exigente como a linguística. Porém, Saussure vai novamente se singularizar entre os linguistas: serão os únicos dois livros que ele publicará enquanto vivo. Certamente, ele também publicará artigos. No entanto, em número muito pequeno: por volta de 300 páginas ao todo para uma carreira de trinta anos. Não muito mais que 10 páginas por ano. E o ritmo, já lento no começo, das publicações, fica ainda mais lento à medida que o tempo passa. O volume dos artigos diminui ao mesmo tempo: eles são por vezes

reduzidos a anotações de algumas páginas, ou até mesmo de algumas linhas. Estamos muito longe do que se observa à época, ainda mais longe das práticas atuais, em que os pesquisadores não pensam senão em publicar, o máximo possível e o mais rápido possível. Pode-se dizer que Saussure escreve pouco? Absolutamente não: ao fim de sua vida, ele deixará uma massa considerável de textos não somente inéditos, mas ainda não preparados para edição. Além disso, uma grande parte de sua atividade se manifestou por um ensino oral cujos vestígios Saussure não conservou.

Como se explica essa especificidade, muito rara nos universitários, da obra de Saussure? Não basta, evidentemente, falar de perfeccionismo, ainda que essa particularidade se manifeste nele incontestavelmente. O essencial envolve o que estou tentado a chamar de um tipo de angústia científica, a meu ver sempre presente. Ela se revela, por exemplo, em propostas como esta:

Quem quer que coloque o pé sobre o terreno da *língua* pode se dizer que está abandonado por todas as analogias do céu e da terra.

Essa inquietação se manifesta consideravelmente nos problemas terminológicos constantes que aparecem a todo instante na reflexão de Saussure. Para não tomar mais de um exemplo, o par ilustre do *significante* e do *significado* dos quais o conjunto constitui o *signo* é o resultado, muito tardio, de uma reflexão que se desenvolveu ao longo de toda a carreira de Saussure: é somente na penúltima lição de seu último curso, em julho de 1911, que Saussure introduz essa terminologia, após ter experimentado várias outras. Ele ainda encontra uma maneira de se declarar pouco satisfeito:

Qualquer termo que escolhermos (*signo*, termo, palavra, etc.) deslizará para o lado e estará sob o perigo de designar somente uma parte. Provavelmente pode não haver. Imediatamente que em uma língua um termo se aplica a uma noção de valor, é impossível saber se estamos de um lado do terminal ou do outro ou dos dois ao mesmo tempo. Portanto, é muito difícil ter uma palavra que designe sem associação equívoca.

Breve explicação: termos tais como *signo*, *palavra* e *termo* em si mesmo estão sujeitos a todo instante à ambiguidade, porque eles designam objetos tomados em um sistema de valores, e são por isso próprios a designar tanto a face *significante* quanto a face *significada*, bem como as duas faces ao mesmo tempo desses objetos. O “deslizamento”, como diz Saussure, de um sentido a outro é possível a todo momento. É efetivamente o que ocorre com a palavra *signo* em Saussure, que se encontra alternativamente com o sentido, fixado em 2011³, de conjunto do *significante* e do *significado*, mas que é comumente utilizado, anteriormente, com o sentido que

3 [N.T.] Inferimos que se trate de 1911, ano em que, conforme o autor, “Saussure introduz essa terminologia” no terceiro de seus cursos na Universidade de Genebra. No arquivo em francês, lê-se “2011”.

será finalmente conferido a *significante*.

Outro vestígio dessa inquietação terminológica:

Incessantemente, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reform[á-la] e de mostrar por isso que espécie de objeto é a língua em geral, vem estragar meu prazer histórico [...]. Isso terminará, apesar de mim, em um livro onde, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que não há um só termo empregado em linguística ao qual eu atribua qualquer sentido. (carta a Meillet citada por Benveniste, *in* Fehr, 2000, p. 15-16; a carta data de 4 de janeiro de 1894).

Disso ele acaba inclusive duvidando da própria possibilidade da linguística:

Seria preciso dizer nosso pensamento íntimo? É de se temer que a visão exata do que seja a língua nos conduza a duvidar do futuro da linguística (Saussure, 2002, p. 87)

Esse pessimismo epistemológico absoluto está sem dúvida na origem da inquietação constante que ele tem a respeito da escritura. Seus manuscritos são muito seguidamente esburacados por espaços em branco que correspondem a momentos de hesitação ou de angústia acerca da terminologia a utilizar e, de uma maneira geral, acerca de seu pensamento. É sem dúvidas nisso que ele determina um interesse específico, mais próximo, eu retorno, daquele que se coloca geralmente sobre os escritores mais que sobre os linguistas.

Mas fecho esse parêntese antecipador e retorno ao curso da vida de Saussure. Mal recebido pela maior parte dos *Junggrammatiker* alemães, o *Mémoire* de Saussure é, ao contrário, muito bem recebido na França e garante a seu autor uma notoriedade raramente adquirida em tão tenra idade. Ele decide vir a Paris, onde ele já era, havia muitos anos, membro da Sociedade de Linguística de Paris. Ele se instala na mesma cidade em outubro de 1880. Rapidamente, ele é nomeado, em 1881, aos 24 anos, “mestre de conferências de gótico e velho alto-alemão” na École Pratique des Hautes Études. No ano seguinte, ele se torna “secretário-adjunto” da Sociedade de Linguística de Paris. Ele ficará em Paris até 1891, ocupado profissionalmente por suas aulas na EPHE. Elas cobrem não somente o gótico e velho alto-alemão, mas também, à medida que o tempo passa, outras disciplinas linguísticas: ele dá um curso de “Fonética”, do qual se conserva um manuscrito, mas ele ensina também o nórdico antigo e a gramática comparada do grego e do latim. Ele dá também um curso de lituano, língua à qual ele dedica dois de seus três raros artigos publicados: o lituano o interessa de maneira específica em razão de seu caráter arcaico. Embora manifestado por escrito somente a partir do século XVI, o lituano apresenta traços frequentemente mais arcaicos que o latim, manifestado em textos 2000 anos antes. As aulas de Saussure são assistidas pela maior parte dos futuros linguistas franceses do século XX, quais sejam, entre outros, Antoine Meillet, Ferdinand Lot, Paul Passy e Maurice

Grammont, e por muitos escritores, em particular Marcel Schwob e Pierre Quillard.

Em 1891, Saussure deixa Paris para retornar a Genebra. Lá, ele é primeiro nomeado “professor extraordinário [entenda-se: não titular] de história e de comparação das línguas indo-europeias”. Ele dá cursos variados na Universidade sobre o sânscrito, a fonética grega e a latina, o verbo indo-europeu, o verbo grego e mesmo sobre a versificação francesa, curso cujo manuscrito ele conservará. É sem dúvidas nessa época que ele forma o projeto e começa a realização de uma obra que ele parece ter tido a intenção de intitular *Da essência dupla da linguagem*. Essa obra inacabada é aquela que, publicada de maneira muito defeituosa em 2002, acaba de ser reeditada de maneira excelente por René Amacker em 2011. Vê-se que, em concordância com o que anunciei no começo de minha intervenção, Saussure não publicou o que ele escreveu.

Em 1905, Joseph Wertheimer, rabino-chefe de Genebra, aposenta-se de seu emprego de professor ordinário [isto é, titular] de linguística geral na Universidade de Genebra. No ano seguinte, em dezembro de 1906, Saussure é enfim nomeado para essa cátedra. Ele continua os ensinamentos que dava anteriormente, porém se prepara para ministrar na modalidade optativa, em um ano a cada dois, um curso de linguística geral. Ele ensina essa linguística geral efetivamente durante três anos universitários: em 1907, entre 1908 e 1909 e, por fim, entre 1910 e 1911. Sua saúde, deteriorada, o impedirá de retomar esse curso, como ele havia previsto, no retorno de 1912. Ele morreu em 22 de fevereiro de 1913.

Pouco tempo após sua morte, dois de seus colegas e antigos alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, começam a empreitada de publicar esses Cursos. Eles não assistiram aos cursos de linguística geral. Eles pedem, então, a ajuda de um ouvinte dessas aulas, Albert Riedlinger. Com as notas tomadas por Riedlinger e alguns outros ouvintes, completadas por alguns escritos deixados por Saussure, eles compõem sob a forma de um livro espesso de 325 páginas em sua primeira edição o texto desde então conhecido por *Curso de linguística geral*. O livro está publicado desde o começo do ano de 1916. É sob esta forma que o pensamento de Saussure será conhecido e terá uma influência determinante não somente sobre a linguística, mas também sobre diversas outras ciências humanas. Contento-me por agora, antes de retornar a isto com um pouco mais de detalhes na terceira parte de minha exposição, com citar alguns nomes: é evidente para todos os linguistas que o trabalho de Trubetzkoy, de Meillet, de Hjelmslev, de Jakobson, de Guillaume, de Benveniste, de Martinet, de Gougenheim e de muitos outros teria sido completamente diferente sem a influência, determinante, de Saussure. Para sair da linguística, é em Saussure, no *CLG*, que a semiologia e a semiótica encontram, em grande parte, sua origem. E é de novo o *CLG* e somente ele que nutre a reflexão de Claude Lévi-Strauss, de Maurice Merleau-Ponty e de Jacques Lacan. É preciso guardar na memória constantemente

esse fato histórico incontestável: é pelo *CLG* que o pensamento de Saussure exerceu seu efeito sobre o pensamento do século XX e, particularmente, mas não exclusivamente, sobre o estruturalismo.

É preciso, no entanto, acrescentar imediatamente que os editores do *CLG* não foram sempre de uma fidelidade absoluta aos escritos e às propostas de Saussure. Não se preocupem, não entrarei em detalhes fastidiosos. Constatato simplesmente, depois de muitos outros, que os editores foram levados a construir uma estrutura de conjunto para o que foi originalmente concebido como um encadeamento de curso: o plano do *CLG* não vem, obviamente, do próprio Saussure. Por outro lado, os editores modificaram bastante, e por vezes de maneira não irrisória, as propostas de Saussure tal como elas estão anotadas, de maneira sem dúvida fiel, pelas notas dos editores. Para dar apenas um exemplo, o *CLG* encerra com uma fórmula que se tornou ilustre, constantemente citada e recitada: “A linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”. Acontece que essa fórmula não foi escrita e, provavelmente, sequer pronunciada tal qual por Saussure, mesmo se, em muitos pontos, ele se aproxime dela. Porém, às vezes, ele também se distancia dela. É incontestável que, em muitos pontos, seus editores tenham dado a sua reflexão uma forma mais rápida, mais abrupta, menos matizada, menos dialética que aquela que ela tinha nos cursos efetivamente proferidos.

Assim se esclarece a segunda parte da observação que relembrei mais cedo: de uma certa maneira, Saussure não escreveu de fato o que foi publicado em seu nome. É preciso levar em conta tal situação por duas precauções complementares: a primeira consiste em jamais esquecer que foi o *CLG*, com suas particularidades, que agiu sobre a linguística e sobre as ciências humanas. A segunda consiste em levar em conta essas discordâncias entre a reflexão de Saussure e a forma que lhe foi dada pelo *CLG*. Podemos hoje, e poderemos mais ainda amanhã, acessar o que foi a reflexão de Saussure autenticamente.

Durante aquele período de sua vida, Saussure realiza, ao lado de sua atividade pública de professor de linguística, duas outras pesquisas que ele conduz: uma de maneira muito discreta e a outra de maneira quase secreta.

A primeira pesquisa envolve os textos das lendas e, em particular, a lenda germânica do *Nibelungenlied*. Essa pesquisa, que ele iniciou na época de seus estudos em Leipzig e que dá lugar, por alguns anos, a uma aula pública, é complexa. Ela toma por vezes um aspecto histórico: trata-se de tentar decifrar os eventos históricos que dizem respeito, talvez, à origem da lenda. Mas de maneira mais frequente a pesquisa toma um aspecto *semiológico*. O texto da lenda é, então, tratado como manifestação de um sistema de signos, análogo àquele da língua e próprio a ser descrito segundo os mesmos métodos.

Vemos que essa primeira pesquisa não é apartada da linguística, ela é até mesmo parente

desta, e é surpreendente constatar que ela nunca aparece no *Curso de linguística geral*.

Inversamente, a segunda pesquisa que o sábio genebrino conduz se distancia significativamente dos conceitos e dos métodos da linguística, mesmo que ela tome textos por objeto. Trata-se da pesquisa dos Anagramas na poesia das línguas indo-europeias antigas: o grego, o sânscrito, as línguas germânicas e, sobretudo, o latim. Saussure se convence de que os poetas latinos compunham seus textos a partir do nome próprio de um personagem, seguidamente um Deus, mas às vezes também um herói ou um personagem histórico famoso entre todos. Tomo como exemplo o nome do Deus Apolo, escrito, como antigamente⁴, com apenas um L. O poeta compõe o verso distribuindo as letras do nome nas sílabas do verso, sem necessariamente respeitar a ordem. Assim, as letras a, p, o, l e o aparecem dispersas em cada uma das duas cesuras do verso latino:

Donom amplom victor / ad mea templa portato.

Naturalmente, esse verso latino tem um sentido, fácil de traduzir: “Que o general vencedor traga a meus templos uma oferenda considerável”. É o Deus Apolo quem formula essa exigência. Tendo em vista a maneira da qual ele foi composto, o verso comporta, além de seu sentido superficial, a indicação “anagramática” do nome do locutor. Destaquemos de passagem que o termo *anagrama* é utilizado por Saussure de maneira desviante com relação a seu sentido comum. Ele usa por vezes *hipograma*, que significa em grego “escrita subterrânea”, e que é mais condizente com o fenômeno descrito, “as palavras sob as palavras”, segundo o título dado por Starobinski a sua edição de uma seleção de textos saussurianos relacionados aos anagramas.

Saussure realiza obstinadamente essa pesquisa dos anagramas nos textos latinos, primeiro estritamente poéticos, depois literários em sentido amplo. Ele vê anagramas por toda parte, como ele diz, “escorrendo”, não apenas dos “mais letrados dos literatos”, como ele diz, mas também de textos puramente informativos, por exemplo, as *Cartas* de César. Durante essa pesquisa interminável, a inquietação de Saussure é constante: ele não chega a encontrar a prova da intenção do autor que lhe parece indispensável para validar sua hipótese. Ele toma a decisão de interrogar um poeta latino. Difícil, diriam-me? Bom, não: no começo do século XIX, na Itália, ainda há professores de Universidades que escrevem e publicam poemas em latim. Saussure conhece um deles, Giovanni Pascoli, ilustre poeta e político italiano da época e professor de latim na Universidade de Bolonha. Nos poemas latinos que ele publica, Saussure recupera vários anagramas. Ele decide interrogá-lo nos seguintes termos:

4 [N.T.] No francês contemporâneo, o nome do Deus Apolo é escrito “Apollon”, com dois L.

Seria por coincidência ou com intenção que em [uma passagem de seu poema *Catullo calvos*] o nome de *Falerni* se encontre cercado de palavras que reproduzem as sílabas desse nome?

Eu insisto na especificidade da interrogação de Saussure: é a “coincidência” ou a “intenção”? Se é a coincidência, então a pesquisa é fútil.

Parece que Pascoli não responde a essa carta que data de março de 2009⁵. Saussure parece ter interpretado esse silêncio como negando a intenção. Ele cessou imediatamente sua pesquisa com os anagramas.

Vemos que qualquer que seja o domínio, a língua e a linguística, a lenda e a semiologia, a estrutura anagramática dos escritos literários, a pesquisa de Saussure nunca é eufórica. Este é sem dúvida um dos aspectos de sua qualidade: Saussure não é daqueles que pensam que os objetos culturais se oferecem de cara à descrição e à teorização. Às vezes, ele chega ao ponto de compreender sua especificidade na própria impossibilidade de descrevê-los.



Abordo a segunda parte de minha exposição. Eu a concebo como uma *mise en place* dos princípios teóricos que estão colocados no *CLG*. Evidentemente, é uma tarefa difícil resumir em alguns instantes um pensamento tão meticuloso e tão inquieto. A todo momento, corremos o risco da aproximação, da interpretação exagerada, mesmo o erro caracterizado.

Parece-me que, entretanto, podemos estabelecer alguns princípios, esclarecendo de início que eles estão ligados entre si de tal maneira que eles se pressupõem reciprocamente: se contradizemos um, fazemos desaparecer todos os outros. É por esse aspecto em particular que Saussure está na origem do estruturalismo.

O problema vem justamente do fato dessa relação sistemática entre os princípios saussurianos: não se sabe por qual convém começar. É uma questão que Saussure se coloca explicitamente repetidas vezes:

Unde exoriar? – É essa a questão pouco pretensiosa e, até mesmo, terrivelmente positiva e modesta que se pode colocar antes de tentar abordar, por algum ponto, a substância deslizante da língua. Se o que pretendo dizer a respeito disso é verdade, não há um único ponto que seja o ponto de partida evidente (Saussure, 2004, p. 241).⁶

5 [N.T.] Inferimos que se trate de 1909, conforme aparece em Starobinski (1974, p. 105). O ano de 2009 aparece como tal no arquivo utilizado para a tradução.

6 [N.T.] A tradução da passagem em questão pertence à edição dos *Écrits de linguistique générale* já consolidada em solo brasileiro: trata-se dos *Escritos de Linguística Geral*, em sua 1ª edição, traduzidos por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco, publicados em 2004 pela Editora Cultrix.

Penso no entanto que se pode tentar tomar como ponto de partida a definição da língua dada na introdução do *CLG*:

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto utilizado pela comunidade surda, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. (2012, p. 47⁷).

Convém explicar rapidamente que as duas noções de *sistema* e de *signo* relacionam-se de tal maneira que o *sistema de signos* vai se transformar em *sistema de valores*. Mas ainda não estamos lá. Por agora, a língua é dada como um dos *sistemas de signo*, o principal, certamente, mas não o único. E é essa primeira constatação que permite o estabelecimento da *semiologia*. Nesse ponto, passo a palavra talvez não ao próprio Saussure, mas ao *Curso de linguística geral*.

Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego *sēmeion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística, e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (2012, p. 47-48).

Assim, a linguística encontra seu lugar em uma ciência mais geral, a *semiologia*, que se encarrega de todos os sistemas de signos. Os exemplos dados no *CLG* são de um lado sistemas considerados como derivados da língua, a escritura e o alfabeto utilizado pela comunidade surda⁸ (isto é, o que se chama hoje de língua de sinais) e de outro lado pequenos sistemas regionais, utilizados em setores específicos da vida cotidiana. Porém, vocês lembram que vimos anteriormente que ele considera também como um objeto possível a semiologia dos textos das lendas. Vemos, pois, se construir o projeto de uma semiologia geral que deverá esperar cinquenta anos antes de tomar forma, pelos cuidados em particular de Barthes e de Greimas.

A língua é, então, um dos sistemas de signos. Mas como ela se distingue da linguagem? Saussure estabelece aqui uma distinção capital: ela consiste em opor no seio da linguagem as duas noções de *língua* e de *fala*. A língua é, acabamos de ver, um *sistema de signos*, “um princípio de classificação”, um “conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade [de linguagem] nos indivíduos” (2012, p. 41). A

7 [N.T.] Referenciamos a 28ª edição do *Curso de linguística geral* publicada em 2012 pela Editora Cultrix. Todas as próximas citações da mesma obra são também retiradas da referida edição.

8 [N.T.] Em francês, Arrivé escreve “l’alphabet des sourds-muets” [“o alfabeto dos surdos-mudos”]. Mantivemos a tradução em conformidade com a 28ª edição do *Curso*, já referenciada, que traz “o alfabeto utilizado pela comunidade surda”. Há de se observar, contudo, que em edições anteriores à de 2012, também se considera “o alfabeto dos surdos-mudos”, como se lê no original.

língua é, portanto, por natureza, social. Ela subsiste enquanto sistema sem ser utilizada. A *fala*, ao contrário, é individual; é a utilização que é feita da língua pelo sujeito falante para produzir *discursos*. E a *linguagem* é necessariamente a união constituída pela *língua* e pela *fala*. O CLG se expressa sobre esse ponto de maneira negativa: “A língua é para nós a linguagem menos a fala” (p. 117).

Aqui é indispensável alertar contra um erro que é cometido frequentemente pelos comentadores contemporâneos de Saussure. Escutamo-los seguidamente dizerem que Saussure negligencia completamente a fala e seu produto, o discurso, em prol da língua. Isso é profundamente falso, mesmo que certas passagens do CLG, pelas formulações empregadas por seus editores, expliquem parcialmente esse erro. Na verdade, Saussure concebe simultaneamente duas linguísticas: uma linguística da língua e uma linguística da fala. Esse é inclusive o título que é dado a um dos capítulos da introdução: “Linguística da língua e linguística da fala”, que coloca precisamente sobre o mesmo plano as duas linguísticas. Em realidade, acontece que a linguística de que Saussure tratou com prioridade é aquela da língua. A linguística da fala, abordada explicitamente em muitos pontos do *Curso*, poderia ter sido o objeto de novas considerações, explicitamente previstas para cursos ulteriores que Saussure foi impedido de ministrar, pela doença e, depois, pela morte. De qualquer modo, o *sujeito falante* está presente igualmente na língua, pela consciência que ele toma das estruturas linguísticas. Saussure chega várias vezes a assimilar as duas noções de *língua* e de *sujeito falante*.

Agora é preciso voltar à noção central de *sistema de signos*. Começando pelos signos, antes de ver de que maneira eles constituem um sistema.

Há duas precauções a tomar a respeito da noção de signo saussuriana. A primeira consiste em distinguir claramente o sentido que esse termo toma na última determinação feita por Saussure do sentido que ele tem no uso habitual. No uso habitual, o *signo* é o objeto perceptível que porta uma informação conceitual. No Código de Trânsito, podemos ler a propósito: o sinal verde é o signo de autorização de passagem, o sinal vermelho é o signo de interdição de passagem. Em Saussure, isso é inteiramente diferente: o *signo* é o conjunto constituído por duas faces solidárias e inseparáveis: de um lado, uma face não manifesta, conceitual, denominada originalmente de *conceito*, depois, definitivamente, *significado*; de outro lado, uma face manifesta, audível ou visível, denominada primeiro de *imagem acústica*, porque é sobre o aspecto audível desses signos, que são as palavras, que Saussure pensa em prioridade. É a essa face manifesta que ele confere, definitivamente, o nome de *significante*. Se ele tivesse conhecido e estudado esse pequeno sistema de signos que é o código de trânsito, ele teria dado o nome de *signo* ao conjunto constituído por *sinal verde* e *autorização* e *sinal vermelho* e *interdição*. *Sinal verde* e *sinal vermelho* teriam recebido o nome de *significante*. E *autorização/interdição*

o nome de *significado*. Ele considera o mesmo para os signos que são as palavras da língua: o signo *mouton* (ovelha), já vão compreender por que eu tomo esse exemplo, é ao mesmo tempo o significante (mutô), a sequência de sons ou de letras que constituem esse significante, e o conceito que lhe corresponde, ao mesmo tempo o animal quadrúpede e o pedaço de carne no prato. Saussure representa o signo assim concebido por uma elipse cortada horizontalmente em duas partes por uma barra. Em cima, o *conceito*, definitivamente substituído pelo *significado*, embaixo, a *imagem acústica*, definitivamente substituída pelo *significante*. As flechas verticais de direção inversa presentes nos dois lados da elipse do signo marcam a pressuposição recíproca que é a relação das duas faces:



(CLG, 2012, p. 107)

Segunda precaução a tomar acerca do *signo* saussuriano. Há um elemento que não é levado em conta nessa definição saussuriana do *signo* linguístico: é o objeto que designamos, no discurso, utilizando as palavras da língua. Naturalmente, Saussure não contesta em nada a realidade nem o interesse dessa operação discursiva. Ele vai, ao contrário, quase esboçar a teoria da “operação” pela qual se faz esse estabelecimento de relação entre o signo no discurso e a coisa do mundo exterior que ele designa. Mas ele coloca que o objeto designado, o que chamamos hoje de *referente*, não entra na definição do signo. Por que essa exclusão? Precisamente porque a língua é um *sistema de signos*, não uma “nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que corresponde a tantas outras coisas” (p. 104). Essa oposição entre nomenclatura e sistema de signos permite levar em conta diferenças entre os sistemas constituídos por línguas diferentes. O exemplo mais conhecido dado por Saussure é aquele da diferença entre o inglês e o francês a propósito das palavras *mouton*, *sheep* e *mutton*. Como acabamos de reparar, o francês usa o mesmo termo *mouton* para falar do animal quadrúpede e do pedaço de carne destinado ao consumo. O inglês distingue entre dois signos: *sheep* quando se trata do animal quadrúpede, *mutton* quando se trata do pedaço de carne. É que o sistema, que é aqui um micro-sistema, é

estruturado de maneira diferente pelas duas línguas. E, é claro, os fenômenos desse tipo, longe de serem excepcionais, estão presentes a todo instante quando comparamos duas línguas. Um outro exemplo ilustre está presente no léxico relativo à linguagem: o francês e as línguas românicas utilizam dois termos diferentes para distinguir os dois conceitos de *língua* e de *linguagem*. O inglês, o alemão e as línguas germânicas não conhecem essa distinção e recorrem a um único signo, *language* em inglês, *Sprache* em alemão, *sprog* em dinamarquês. Daí, naturalmente, graves dificuldades de tradução entre as duas classes de línguas. Tomei esse exemplo do domínio do léxico. Mas ainda seria muito fácil tomar exemplos do domínio da morfologia. Um exemplo espetacular é aquele do gênero gramatical, que é estruturado de maneiras bastante diferentes entre os sistemas linguísticos: o francês e as línguas românicas comportam dois gêneros, o latim, o grego antigo, o alemão moderno e as línguas eslavas comportam três, várias línguas africanas e asiáticas comportam, sob o nome de classes, um número variável (até cerca de quarenta) de categorias nominais. E há diversas línguas que desconhecem completamente a categoria do gênero, por exemplo, as línguas fino-úgricas e, de uma certa maneira, o inglês, que conhece bem a oposição masculino/feminino para os pronomes pessoais de terceira pessoa, mas a ignora para os nomes.

O signo linguístico comporta duas propriedades. Apesar de sua importância, não farei mais que assinalar a segunda propriedade, o caráter linear do significante. Entretanto, é indispensável interrogar-se um pouco mais sobre a primeira. É o famoso “princípio do arbitrário do signo”. Ele é assim determinado no *CLG*:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário* (p. 108).

Saussure posiciona-se, assim, de maneira extremamente fechada, frente a um dos problemas trazidos pela reflexão sobre a linguagem, praticamente desde suas origens: pensemos no famoso, mas muito ambíguo, diálogo de Platão, *Crátilo, ou sobre a correção dos nomes*. O debate continua atualmente, porque o princípio do arbitrário do signo não é aceito por todos os linguistas. O que esse princípio do arbitrário quer dizer? Precisamente isso: a relação entre o significante e o significado é indissolúvel, eles se pressupõem reciprocamente, não podemos pensar um sem imediatamente pensar o outro. Essa relação é ilustrada pela metáfora da folha de papel, cuja frente é inseparável do verso: não podemos cortar um sem simultaneamente cortar o outro. Porém, tão indissolúvel quanto ela seja, essa relação não é necessária, ela não é racionalmente justificável. Dito de outro modo, o significante não diz nada, ou pelo menos nada verdadeiro, sobre o significado, contrariamente ao que ainda nos repete o velho nome da

etimologia, que quer dizer em grego “discurso verídico”.

Saussure se atrapalha um pouco enquanto tenta demonstrar o princípio do arbitrário do signo: contrariamente à resolução que ele assumiu de não fazer o objeto designado intervir na estrutura do signo, ele utiliza esse objeto em seu esforço de demonstração. Isso é incontestavelmente um deslize de sua reflexão. Mas esse deslize é, na verdade, significativo: em realidade, o princípio do arbitrário como propriedade interna do signo não é, aos olhos de Saussure, o que há de verdadeiramente importante. A verdadeira justificativa do estabelecimento do arbitrário é que ele é necessário para a concepção de língua não mais simplesmente como sistema de signos, mas como sistema de valores e, mais precisamente, de valores negativos.

Chegamos aí à parte mais difícil da reflexão de Saussure. Dificuldade que ele reivindica. Mas a dificuldade não aparece de cara. No começo, tudo parece óbvio. Saussure retoma o exemplo do *mouton* e de seus dois correspondentes em inglês *sheep* e *mutton*.

A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro* se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa (p. 163).

É a oposição estabelecida entre *sheep* e *mutton* – ou para tomar um dos exemplos em francês entre *langue* e *langage* [ou, ainda, em português, *língua* e *linguagem*] ou entre o gênero masculino e o gênero feminino – que determina o valor dos termos assim opostos. É nesse ponto que nasce a dificuldade: o valor assim produzido pela oposição é estritamente diferencial:

Na língua só existem diferenças. Mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua, só existem diferenças *sem termos positivos*. Quer tomemos o significado ou o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons que preexistiriam ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema (CLG, p. 167).

Vocês notaram o paradoxo aparentemente constituído pela noção de *diferença sem termos positivos*. Este é o ponto central da reflexão de Saussure, é um dos elementos que serão mantidos na construção do que se chamará, quarenta anos mais tarde, de estruturalismo. Evidentemente, esse é um problema polemizado, e discutido, pelo próprio Saussure, que restitui em alguns pontos certa dose de positividade:

Mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem (p. 168).

Resta fazer intervir nesse panorama dos conceitos do CLG uma única distinção. Ela

se torna necessária pela própria noção de sistema de valores. Para que um tal sistema possa funcionar, é preciso que ele disponha de imobilidade no tempo. Ocorre que a linguística tal como ela era construída antes de Saussure falhava em apreender a língua em um estado fixo. O que interessava quase exclusivamente aos linguistas do século XIX, e isso envolve os *Junggrammatiker*, era a língua, ou ainda as línguas, nas comparações que eles faziam entre elas, sobre como elas evoluem no tempo. Saussure introduz nesse ponto uma inovação decisiva. Ela consiste em distinguir dois pontos de vista acerca das línguas. Ele lhes dá os nomes neológicos de *sincronia* e de *diacronia*:

Para melhor assinalar essa oposição, porém, e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Linguística *sincrônica* e de Linguística *diacrônica*. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução (p. 123).

Nesse ponto, novamente, é preciso tomar precauções. Saussure estabelece o ponto de vista sincrônico porque ele é o único a poder revelar os fenômenos de diferenças de valores, visto que essas diferenças se estabelecem entre elementos simultaneamente presentes em um momento dado. O ponto de vista diacrônico não permite apreender os elementos senão de maneira isolada ao curso de sua evolução no tempo. Encontramos aí o fenômeno da pressuposição recíproca de diferentes conceitos na linguística saussuriana: a sincronia permite compreender os sistemas de valores que estão ocultos na diacronia. A sincronia é uma linguística da língua, enquanto a diacronia permanece uma linguística da fala: a mudança diacrônica se encontra sempre nos fatos da fala. Mas isso não significa de maneira alguma que Saussure se desinteresse pela linguística diacrônica: o *CLG* contém mais páginas dedicadas à diacronia do que à sincronia.

As duas noções opostas de sincronia e de diacronia estão, sem dúvida, entre as inovações conceituais e terminológicas introduzidas por Saussure, aquelas que tiveram o maior sucesso, ao ponto de praticamente passarem a fazer parte do léxico cotidiano.

**

Resta-nos agora abordar, em uma terceira e, fiquemos tranquilos, última parte, o problema do efeito de Saussure sobre as ciências humanas. Serei, dada a circunstância, breve e enumerativo. Procederei distanciando-me progressivamente do campo da linguística no sentido estrito em direção aos domínios mais e mais longínquos.

Uma primeira observação: o efeito exercido por Saussure foi muito lento a se manifestar, salvo nos domínios estritamente linguísticos: reflexão geral sobre a linguagem, fonologia e

gramática. Não há necessidade de ficar surpreso: os conceitos e os métodos precisam de tempo para se introduzirem em campos que não lhes pertencem.

Para a linguística geral, o efeito foi precoce. Antoine Meillet assistiu às últimas aulas de Saussure na EPHE, um manteve com o outro uma correspondência que seguiu durante o período genebrino daquele último. Meillet se refere a Saussure desde suas primeiras publicações. Os dois alunos e editores suíços de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, deram origem ao que se chamou “Escola de Genebra”, que ainda continua muito ativa. Os primeiros trabalhos de Émile Benveniste onde se identifica a influência de Saussure data de meados dos anos 30. A glossemática de Louis Hjelmslev que se reclama de Saussure como único predecessor só se manifesta através dos famosos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* em 1943, mas sua elaboração remonta ao fim dos anos 30. Em André Martinet, é sobretudo a partir dos anos 40 que se manifesta a influência de Saussure. Essa influência continua até hoje a ser exercida, ainda que de uma maneira mais difusa. Esquece-se frequentemente de notar que a terminologia saussuriana, em específico os dois pares *significante/significado* e *sincronia/diacronia*, entraram na prática terminológica de um número muito grande de linguistas que não se consideram saussurianos, e dos quais alguns, talvez, não sabem claramente de quem vêm esses conceitos.

Para a fonologia, os ensinamentos de Trubetzkoy e de Jakobson, depois de Martinet, se apoiam diretamente, não sem às vezes criticá-las, sobre as passagens do *CLG* relacionadas ao valor dos fonemas, sobretudo a ilustre análise do fonema /r/ em francês. É preciso relembrar todavia que Saussure utiliza a palavra *fonologia* com o sentido que é geralmente atribuído a *fonética*. Essa escolha lexical teve sem dúvidas efeitos negativos sobre sua influência nesse domínio.

A partir dos anos 20, os bons gramáticos franceses situam todo o seu ensinamento com relação ao *CLG*. Não cito além de Gustave Guillaume, Damourette e Pichon, Lucien Tesnière, Georges Gougenheim, um pouco mais tarde o dinamarquês Knud Togeby, continuador de Hjelmslev. Uma única exceção nessa época: aquela de um outro Ferdinand, Brunot, que jamais cita Saussure, ainda que, em alguns pontos, ele profira opiniões que se aproximam das deste último.

Distanciamo-nos a passos pequenos da linguística. A semiologia ainda se aproxima desta, afinal, ela a engloba. Ela encontra sua origem diretamente no *CLG*. Entretanto, no *CLG*, ela continua em estado programático e não encontra um início de prática senão nos trabalhos extremamente confidenciais sobre a lenda germânica. Para que ela chegue verdadeiramente à existência científica, é preciso esperar o fim dos anos 50 e o começo dos anos 60, com os trabalhos de Roland Barthes, particularmente *Mitologias*, que data de 1957, e os *Elementos de semiologia*, publicados em 1964 no famoso n° 4 da revista *Communications*. É em 1966 que

é publicado o livro de Algirdas Julien Greimas, *Semântica estrutural*. Mais que um tratado de semântica, essa obra é, em realidade, uma introdução à semiótica, nome que toma desde esse momento a ciência vinda da semiologia saussuriana.

Um pouco mais longe: a etnologia. Não é mais uma questão de linguagem diretamente, no singular ou no plural. E os conceitos passarão por migração. O personagem fundamental aqui é Claude Lévi-Strauss. A importação é bastante precoce: é desde 1948, em *Estruturas elementares do parentesco*, que ele faz intervir, como ele dirá em 1955 em *Tristes trópicos* “a categoria do significante, a principal maneira de ser do racional” (1990 [1955], p. 73, citado por Greimas, 1956, p. 191 e 194). Não sem especificar que seus mestres da Sorbonne, “mais ocupados em meditar sobre o *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* que sobre *Curso de linguística geral* de F. de Saussure, sequer pronunciavam seu nome”.

Para a psicanálise, a relação com a linguística foi por muito tempo problemática. É ainda mais surpreendente que Raymond de Saussure, filho de Ferdinand, foi ele mesmo analisado por Freud e lhe fez conhecer ao menos a existência do CLG. Mas Freud parece não ter se importado muito. É preciso esperar Lacan para assistir ao estabelecimento de uma relação do inconsciente com a linguagem e, ao mesmo tempo, da psicanálise com a linguística. Após um primeiro contato com o CLG em 1935, por intermédio do psicólogo Henri Delacroix, ele mal pensa em explorá-lo antes do “Discurso de Roma”, em 1953, de maneira ainda implícita e indireta. É somente em 1957 que Saussure surge na “Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. Sabe-se que o postulado fundamental de Lacan nessa época é que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Ou, em outros termos, que “o inconsciente, ele fala, o que o faz depender da linguagem”. A linguagem tal como o inconsciente depende dela é concebida por Lacan segundo o modo saussuriano: o belíssimo artigo de 1957 reinterpreta as operações do inconsciente tal como Freud o concebe, a *condensação* e o *deslocamento*, segundo o modelo saussuriano do signo linguístico.

Procurei mostrar-lhes que o efeito de Saussure sobre as ciências humanas é, atualmente, por vezes oculto. O exemplo que Compagnon nos dá é significativo, não é isolado. Seria preciso se interrogar, e isso seria um outro problema, sobre a origem desse fenômeno de ocultação. Minha preocupação hoje foi mostrar até que ponto esse fenômeno de ocultação é pouco justificado. Espero ter conseguido fazê-lo.

Amanda Eloina Scherer⁹

Erick de Queiroz Brittes¹⁰

9 Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (DLCL/CAL/UFSM), atua na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. E-mail para contato: amanda.scherer@gmail.com

10 Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail para contato: queirozerickbrittes@gmail.com